



# CADERNOS INDÍGENAS



## ORGANIZADORES

Floriza Maria Sena Fernandes

Jailma Maria da Silva

Kárpio Márcio de Siqueira

# CADERNOS INDÍGENAS



## Dados de Catalogação na Publicação (CIP)

FERNANDES, Floriza Maria Sena; SILVA, Jailma Maria da; SIQUEIRA, Kárpio Márcio de.  
Cadernos Indígenas Território – Volume I / Floriza Maria Sena Fernandes; Jailma Maria da  
Silva; Kárpio Márcio de Siqueira - 1. ed. - Paulo Afonso -BA: Opará, 2014.

(Coleção Yby Yara)

ISSN 000-00-000-0000-0

1. Literatura infanto-juvenil I. FERNANDES, Floriza Maria Sena; SILVA, Jailma Maria da;  
SIQUEIRA, Kárpio Márcio de II. Título III. Série

CDD - 028.5980-42

---

Índices para catálogo Sistemático:

1.Literatura infantil 028.6

2.Literatura infanto-juvenil 028.5

1ª edição - 2014

Revisado conforme a nova ortografia

Coordenação do projeto: Kárpio Márcio de Siqueira

Editora Responsável: Camila Gabrielle da Silva

Revisão Ortográfica: Jéssica Nayara Andrade dos Santos, Aliny Delmira Dantas

---

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou  
quaisquer meios  
(eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) e/ou arquivada em qualquer sistema ou  
banco de dados sem permissão escrita da editora. Direitos reservados.

---

Opará

Rua da Gangorra, 503

48601-050 - Paulo Afonso - BA (Brasil)

Tel: (75) 3281-3344

# EDITORIAL

A Educação Escolar Indígena pauta-se na busca de uma qualidade baseada no princípio da especificidade e da diferenciação, assim, o entendimento de que os sujeitos indígenas devem ser os próprios protagonistas da sua história é consolidada pelos “**Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Escolar Indígena**”, ao tempo que princípios de formação dos professores indígenas balizados no respeito a organização e territorialidade dos povos, a valorização de suas línguas, a identificação e reconhecimento dos próprios mecanismos de aprendizagem como eficazes na formação dos educandos, o fomento ao diálogo intercultural entre comunidades indígenas e não-indígenas, e o entendimento de que a formação educacional dar-se nos mais variados espaços da comunidade, a perceber a escola, o movimento indígena, e a família.

Nesse movimento educacional, fortalecido pelo **Grupo de Estudos Indígenas do OPARÁ**, surgem os professores pesquisadores como representações dos desejos individuais e coletivos, aqueles reafirmam um lugar identitário que se traduz na produção de saberes em diálogo com a tradição e com o universo de diversidade cultural no qual estão inseridos, dentro desse contexto nascem os “Os Cadernos Indígenas” como instrumento de socialização da educação escolar indígena comunitária, e numa perspectiva textual que traduz o percurso científico a partir de gêneros textuais que estão inseridos no cotidiano dos professores indígenas.

Por este canal damos espaço ao “**Projeto Didático**”, “**Relato de Experiência**”, “**Sequências Didáticas**”, “**Relatórios de Aulas de Campo**”, “**Planos de Aulas**”, “**Textos Instrumentais**” entre outros que se fazem presentes no cotidiano das escolas indígenas, e que retratam a esfera do conhecimento dentro de uma práxis para a especificidade e qualidade. Resguardamo-nos, ainda, o direito à publicação de **Artigos, Resenhas** e outros **Gêneros Científicos** que dialoguem com as questões indígenas e que sejam produtos escritos de professores-pesquisadores índios.

Assim, convidamos você pesquisador(a)/professor(a)/indígena a se viajar no **universo educacional indígena** a partir dos textos aqui apresentados, na intenção de que, certamente, em números vindouros, será a sua produção que alimentará a viagem de outros que fortalecem a educação escolar indígena.

Professor Kárpio Márcio de Siqueira  
Mestre em Crítica Cultural  
Coordenador do Centro de Pesquisa em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação –  
Opará.

# APRESENTAÇÃO

Nesta primeira edição, apresentamos experiências vividas na área educacional dos professores indígenas do território Yby Yara. Os textos, impressos de identidade e alma destes povos, mostram a importância da busca por melhorias em suas comunidades e estas vêm sendo colhidas há anos através da educação indígena transformadora, onde além de educar em sala de aula, os professores educam para a vida, cultivando sonhos, lutando por igualdade e modificando o dia a dia desta nova geração para um futuro melhor.

Desta forma, percebemos no **“Relato de experiência em educação com a participação das lideranças do seu povo”**, que a autora Edivânia Batista Kiriri reflete sobre a importância da participação dos líderes junto à comunidade em relação à educação, pois o conhecimento dos mais velhos é sempre respeitado e visto de forma sábia por aqueles que ainda têm muito a aprender.

A seguir, temos o olhar de João da Cruz Gomes Kantaruré através de **“Um relato de experiência na educação infantil: voltado para os saberes das crianças das escolas públicas”**, em que são apresentadas as perspectivas do ensino lúdico infantil nas matérias de português e matemática dentro da realidade dos alunos da aldeia.

Buscando unir escola e comunidade, a **“Experiência vivida como coordenadora pedagógica”** de Marinalva Alves Tumbalalá explica como os projetos desenvolvidos podem contribuir com uma educação voltada para a troca de conhecimento entre os jovens em formação e as lideranças da comunidade. A participação da família no processo educativo também se torna bastante presente nas reflexões da autora.

Numa visão sobre as questões de identidade desenvolvidas desde a infância, a autora Leidizu Rodrigues da Silva Pankararé tece em **“Experiência vivida: revendo o passado”** uma reflexão-análise da importância de viver os primeiros anos dentro das tradições da comunidade, o resgate da história, costumes e crenças.

Em seguida, conhecemos os caminhos trilhados por Rozilene Silva Sá Tuxá em sua **“Experiência vivida: uma estrada a percorrer”**. A autora relata a sua luta no início do trabalho pedagógico, a superação dos desafios para continuar desenvolvendo suas atividades como coordenadora.

Logo mais, a autora Elaine Patrícia de Sousa Oliveira Atikum-Pankararé expõe a necessidade de manter viva a história e as tradições do seu povo. Desta forma, a **“Importância da educação e tradição Pankararé”**, explana como as atividades culturais na educação são significativas na formação das crianças, estimulando e fortalecendo a identidade da comunidade.

Sob uma perspectiva política, Sandro Hawaty Arfer Tuxá descreve sua trajetória como militante das causas indígenas, principalmente na área da educação. O autor nos apresenta em **“Movimento da Educação Escolar Indígena da Bahia e Consolidação da APINOBA”**, o início de tudo e as conquistas ao longo dos anos, mostrando assim, a importância e necessidade da luta para a fortificação da educação indígena e valorização dos professores.

Em **“Experiência vivida: projeto ação social”**, Cirila Santos Gonçalves Kaimbé relata os projetos de ação social que foram realizados na aldeia Massacará e nas comunidades vizinhas, e os resultados desta experiência.

Temos também a contribuição de Ery Rosalina Dos Santos Silva Tumbalalá, que em **“Atividade didática: das brincadeiras aos temas de projetos didáticos Tumbalalá”** mostra os desafios de ser um educador e apresenta as atividades desenvolvidas nas turmas de 8ª série, de uma forma lúdica e diferenciada para que o aprendizado se torne divertido e gratificante.

Sobre Educação universitária, Jandair Ribeiro de Oliveira Tuxá reflete sobre sua experiência na Universidade no texto **“Educação indígena na universidade”**. O autor expõe sua atuação como professor indígena e militante antes e depois de entrar no mundo acadêmico.

A partir do ponto de vista de Marlinda Kiriri em **“Relato de experiência: atividades educativas e culturais desenvolvidas com a escola e a comunidade”**, compreendemos um pouco mais sobre projetos voltados para a preservação da

natureza, desenvolvidos na aldeia Canta Galo, com o objetivo de conscientizar a comunidade.

Em seu **“Relato crítico-reflexivo da experiência de estágio”**, a autora Tayra Arfer Tuxá nos apresenta uma reflexão acerca do curso de formação específico para professores indígenas e explana sobre o projeto de Ecopedagogia Indígena desenvolvido durante o período de estágio.

Logo mais, Paula Kiriri aponta em seu **“Relato de experiência em coordenação escolar”** as dificuldades enfrentadas na educação indígena e o projeto desenvolvido com os alunos enquanto coordenadora.

Acerca do **“Processo de construção de uma educação indígena na comunidade canta galo”**, Laecio de Andrade Kiriri aborda de forma clara sobre os sonhos construídos ao longo dos anos em busca de uma educação para o futuro dos jovens kiriris. O autor descreve a luta que hoje se traduz em orgulho e felicidade.


Os sonhos também fazem parte do texto de Socorro Apako Tuxá, que em seu **“Relato de experiência: um dia sonhei com uma escola assim”** explica como seria a escola que ela tanto idealizou e lutou para conseguir.

Logo depois, Antônia Flechiá Tuxá nos conta sobre a **“Experiência em sala de aula na escola estadual indígena capitão Francisco rodela”** e o processo de aprendizagem da matemática através do cotidiano e conhecimento de mundo dos alunos.

No **“Relato de experiência de atividade didática em uma série e disciplina específica”**, Sônia Gomes de Santana Tumbalalá, discorre sobre as dinâmicas trabalhadas em sala de aula, mostrando que é possível ensinar através das brincadeiras de uma forma eficaz.

Em **“Dificuldades na educação indígena”**, Edson Manoel Pankararé expõe os obstáculos enfrentados no dia a dia da educação indígena e o desejo de levar uma educação de qualidade ao seu povo.

Em seguida, Elaine Batista Almeida Kiriri conta um pouco das festas comemorativas que unem comunidade e escola no **“Relato de experiência em educação indígena”**, mostrando que as comemorações culturais também são ferramentas de aprendizagem.



Por fim, temos a contribuição de Brazilice Ferreira Kaimbé em **“Ensino da língua indígena na escola”**, contando que a união da comunidade com a escola possibilita o resgate das tradições, incluindo a língua materna indígena.

Os textos refletem as vivências de um povo, suas experiências diante da luta para manter viva a sua história, cultura e tradições através da educação e o desenvolvimento de projetos que envolvem toda a comunidade, buscando assim qualificar o ensino indígena, ampliando suas perspectivas e transformando a educação da futura geração. Desta forma, compreendemos que a educação indígena não é apenas ensinar a ler e a escrever, na verdade, trata-se de conquistar sonhos idealizados por dezenas de anos, de erguer a cabeça e bater no peito com orgulho a paixão pelo seu povo, que lutou e luta até hoje pela consolidação do seu espaço. Boa leitura!



# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	05
<b>Relato de experiência em educação com a participação das lideranças do seu povo</b> Edivânia Batista Kiriri .....	11
<b>Um relato de experiência na educação infantil: voltado para os saberes das crianças das escolas públicas</b> João da Cruz Gomes Kantaruré .....	13
<b>Experiência vivida como coordenadora pedagógica</b> Marinalva Alves Tumbalalá .....	15
<b>Experiência vivida: revendo o passado</b> Leidizu Rodrigues da Pankararé .....	19
<b>Experiência vivida: uma estrada a percorrer</b> Rozilene Silva Sá Tuxá .....	21
<b>Importância da educação e tradição pankararé</b> Elaine Patrícia de Sousa Oliveira Atikum-Pankararé .....	23
<b>Movimento da Educação Escolar Indígena da Bahia e Consolidação da APINOBA</b> Sandro Hawaty Arfer Tuxá .....	26
<b>Experiência vivida: projeto ação social</b> Cirila Santos Gonçalves Kaimbé .....	33
<b>Atividade didática em uma série e disciplina específica</b> Ery Rosalina Dos Santos Silva Tumbalalá .....	35
<b>Educação indígena na universidade</b> Jandair Ribeiro de Oliveira Tuxá .....	38
<b>Relato de experiência: atividades educativas e culturais desenvolvidas com a escola e a comunidade</b> Marlinda Kiriri .....	42
<b>Relato crítico-reflexivo da experiência de estágio</b> Tayra Arfer Tuxá .....	44
<b>Relato de experiência em coordenação escolar</b> Paula Batista Kiriri .....	47

<b>Processo de construção de uma educação indígena na comunidade canta galo</b> Laecio de Andrade Kiriri .....	<b>49</b>
<b>Relato de experiência: um dia sonhei com uma escola assim</b> Socorro Apako Tuxá .....	<b>52</b>
<b>Experiência em sala de aula na escola estadual indígena capitão Francisco rodela</b> Antônia Flechiá Tuxá .....	<b>54</b>
<b>Relato de experiência de atividade didática em uma série e disciplina específica</b> Sônia Gomes de Santana Tumbalalá .....	<b>57</b>
<b>Dificuldades na educação indígena</b> Edson Manuel Pankararé .....	<b>59</b>
<b>Relato de experiência em educação indígena</b> Elaine Batista Almeida Kiriri.....	<b>61</b>
<b>O Ensino da língua indígena</b> Brazilice Ferreira Kaimbé .....	<b>63</b>

# RELATO DE EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO COM A PARTICIPAÇÃO DAS LIDERANÇAS DO SEU POVO

EDIVÂNIA BATISTA KIRIRI

Eu, Edivânia Batista, tive uma experiência educativa muito produtiva, na qual houve a participação das lideranças e comunidade, foi feita na unidade Escolar Colégio Estadual Indígena José Zacarias, aldeia Kiriri Mirandela/Município de Banzaê, junto com todos os alunos e professores do 6º ao 3º ano do ensino médio. Juntamos todos e formamos grupos que foram desenvolver várias atividades diferentes, cujo as temáticas seriam:

O artesanato e suas utilidades; narração de contos históricos e a cerâmica Kiriri, nas quais procuramos os anciões da comunidade para participar e colaborar junto conosco com os seus conhecimentos, ao qual tivemos o privilégio de uma senhora artesã, que se dispôs em nos acompanhar, participou, respondeu a curiosidade dos alunos/estudantes e nos ensinou todo o processo do barro para se fazer um pote.

Tivemos essa oportunidade de estar pegando na argila, na fibra, etc., pois muitos dos alunos praticam essa técnica desde pequenos. Quanto aos contos históricos foi muito rica e criativa, pedimos para eles (alunos) contarem e reescreverem histórias que ouviam de seus avós e pais, assim fizeram, trouxeram várias, destas várias fizemos um roteiro, escolhemos um

lugar sagrado da aldeia e fomos fazer a filmagem, cujo esse lugar era chamado “Tanque dos índios”.

Chegando ao local fomos organizar os espaços para dar início a filmagem, no corre-corre, um dos alunos tem a ideia de fazer algumas mascaras, pois no conto há animais, já que o conto é “Os caçadores de onça”, assim fizemos e começamos a filmar.

No início, alguns esqueceram a fala, mas improvisaram na hora. Ao término da gravação todos queriam ver, mas aí nos organizamos e marcamos um dia para todos assistirem, inclusive as lideranças e todos da comunidade. No dia todos compareceram, antes de assistir explicamos o objetivo das atividades e a importância da contribuição de todos, em seguida passamos as filmagens. Após o término das filmagens, alguns pais comentaram, falando que são essas atitudes e práticas que cada um dos educadores tem que fazer para incentivar os alunos a valorizar e respeitar suas origens, dizendo ainda que isso deve se repetir mais vezes.

Para encerrar nossas atividades, expomos os objetos produzidos para quem quisesse ver e tocar no objeto (material).

# UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: VOLTADO PARA OS SABERES DAS CRIANÇAS DAS ESCOLAS PÚBLICAS

JOÃO DA CRUZ GOMES KANTARURÉ

Esse trabalho é um relato de experiência vivenciado no período educação infantil, na Escola Municipal do Poço Comprido – em glória Bahia.

Um olhar foi direcionado nas perspectivas do ensino e aprendizagem das crianças de 4 a 5 anos de idade nas séries iniciais, nessa direção desenvolvemos das aulas com o tema: Brincando com as letrinhas, o meu interesse é socializar os saberes obtidos por eles nesse processo de aprendizagem e os desafios que tinha que enfrentar ao longo dos 200 dias letivos para fugir das perspectivas tradicionais em sala de aula que era ensinar o bê-á-bá.

Para colocar em prática a minha primeira aula resolvi levar uma fita cassete para chamar atenção e com o alfabeto cantado e ilustrado. Os pontos principais para a vivência da prática escolar, tendo como espaço um ambiente que permitia as aulas uma experiência que o ajude a refletir sobre meus métodos de ensino aplicados a realidade. Em vez de usar “h” de hipopótamo “h” de homem, com isso ajudou na experiência vivida em uma sala de aula da educação infantil, visando contribuir para os conhecimentos dos futuros educadores.

O ensino de português na educação infantil trás alguns elementos essenciais para o professor refletir, tais como um planejamento mais lúdico, de atividades mais significativas entre outras. Nesse sentido não deve haver um ensino focado em objetos de que não é da realidade do aluno que não interessam e que não contribui no processo de aprendizagem.

Mesmo assim acontece com os ensinios de geografia nas escolas indígena da nossa aldeia, em que os livros didáticos ensinam os semáforos e as paisagens urbanas em vez de paisagem da aldeia que está sendo modificada pela ação dos homens causando assim sérios danos ao meio ambiente. Já no ensino de matemática a utilização de material concreto no qual eles possam pegar sentir e degustar como, por exemplo, bala-doce e bolo nos ensino de frações nos números fracionários,  $2,1/2$  leem-se dois inteiros e um meio.

\*Experiência vivida no ano de 2004

Escola do município de Gloria

# EXPERIÊNCIA VIVIDA COMO COORDENADORA PEDAGÓGICA

MARINALVA ALVES TUMBALALÁ

Eu, Marinalva Alves de Santana Silva natural, de Abaré-BA, formada na Faculdade de Tecnologias e Ciências de Salvador-Ba, relato aqui um pouco da minha experiência vivida como coordenador das Escolas Indígenas São Sebastião e Nossa Senhora de Lourdes na Aldeia Tumbalalá, Missão Velha-Curaçá-Ba.

Escolhi a profissão de professor porque gosto de ler, pesquisar, ensinar e lidar com crianças, buscando entender ramos dos conhecimentos teóricos que ajude a desvendar o dom da aprendizagem. Trabalhei quatro anos na coordenação das escolas indígenas e foi uma experiência muito boa coordenar.

Foi nesse período que aprendi desenvolver projetos como: PPP (Projeto Político Pedagógico), projetos didáticos e projetos de intervenção. O bom do trabalho é o resultado alcançado e para que isso aconteça é preciso muita dedicação, paciência e amor pelo trabalho, pois as dificuldades são várias, principalmente quando se fala em educação diferenciada nas escolas indígenas e de mudança. Como coordenadora aprendi que a escola contribui com a nossa aprendizagem explorando nosso potencial preparando para a vida através das experiências vividas com a

comunidade, alunos professores e lideranças, são saberes que vão e que vêm e cada um é mais rico do que outro, é uma troca de saberes inexplicável. Cabe a cada um de nós escolhermos nossas decisões juntos com a comunidade, desenvolvendo o potencial criativo, despertando o interesse de aprender. Acredito que a educação acontece quando o ser humano é capaz de lidar com as questões sociais do cotidiano, mostrando sua capacidade diante da sociedade.

Durante todo esse tempo de trabalho, desenvolvi vários projetos e cada um que desenvolvia me sentia contemplada com a sensação de um dever cumprido, porque os temas abordados eram escolhidos em grandes momentos de reflexão e baseados na vida real do aluno e da comunidade. Mas um dos projetos que marcou a minha trajetória foi o projeto **“FAMÍLIA NA ESCOLA: ATO DE AMOR E APRENDIZAGEM”**. Esse projeto foi elaborado pensando nas dificuldades de aproximação dos pais com o ambiente escolar, e o objetivo maior foi somar os conhecimentos dos educandos com a comunidade, visando melhorar esse convívio, que é de grande importância para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.


O projeto foi realizado durante 15 dias nas duas Escolas São Sebastião e Nossa Senhora de Lourdes buscando sanar as dificuldades de aprendizagem, contemplando todas as áreas do conhecimento, fortalecendo os vínculos entre a escola e a comunidade, pois sabemos que a família é a referência fundamental para a criança. Os pais têm um papel fundamental na educação de seus filhos, por isso, a escola sentiu a necessidade do envolvimento e participação da família no ambiente escolar. O projeto foi finalizado com a culminância onde estiveram presentes os pais e a comunidade, Gidalva, Jumaria, representando o setor Pedagógico de Curaçá, um psicólogo, o Conselho tutelar, a Secretaria de Ação Social, os lideranças da Aldeia, o Cacique e o Pajé. Fizemos a



abertura com um belíssimo *Toré* com as crianças e logo após uma dinâmica com a família, uma palestra com o psicólogo e assim concluímos nosso trabalho.

Outro projeto muito bom foi o projeto **“POVO INDÍGENA TUMBALALÁ NA LUTA PELA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL”**. Esse foi uma proposta trabalhada na semana do meio ambiente de 05 de junho a 10 de junho, com o objetivo de conscientizar a comunidade escolar para preservação do meio ambiente, fortalecendo a sustentabilidade local, promovendo ações sobre o reaproveitamento dos resíduos que venham prejudicar o meio ambiente.

O desenvolvimento dessa proposta foi muito bom, fizemos a abertura com toda comunidade falando sobre a importância do projeto. O cantor da faixa cantou algumas músicas sobre o meio ambiente e a comunidade teve o espaço para dizer o que pensava sobre a proposta. A proposta foi desenvolvida com a comunidade participando das pesquisas de campo, dos trabalhos com lixo, da importância da reciclagem, e ajudando os alunos na coleta de resíduos, como o óleo de cozinha para fazer sabão. A escola convidou cada pai a trazer uma muda de planta nativa da região para fazer uma exposição, cada pai participou ativamente com o que pode; uma mãe ensinou os alunos a fazer o sabão com o óleo, e depois o sabão foi distribuído para a comunidade. Então são todas essas experiências que eu como coordenadora passei, e tenho o maior orgulho do meu trabalho, pois ser coordenador pra mim é doar aprendizagem e receber, ter força de vontade, e acima de tudo fazer o trabalho com amor, pois a mudança é difícil, não é fácil, mas a gente tem que persistir e nunca desistir e o bom de tudo é o resultado alcançado;



Conclui-se que essa foi uma das melhores experiências de trabalho porque foi um trabalho coletivo com a comunidade escolar, que ampliou meus horizontes, enriqueceu minha prática pedagógica, na troca de experiência e como coordenadora preciso estar sempre inovando os meus conhecimentos, tanto na prática como na teoria, só assim temos a certeza de que somos capazes de mudar e transformar essa educação tradicional em uma educação diferenciada de qualidade.


# EXPERIÊNCIA VIVIDA: REVENDO O PASSADO

LEIDIZU RODRIGUES DA SILVA PANKARARÉ

Infelizmente, quando nasci, não tive a oportunidade de crescer dentro das tradições indígenas, apesar de ter meu avô materno que sempre foi um índio que mantinha sua cultura e coragem em buscar sempre defender seus direitos.

Morei durante quatorze anos de minha vida fora da aldeia. Hoje que moro na Aldeia Pankararé, compreende o quanto me fez falta não ter vivido os primeiros anos da infância dentro das tradições do meu povo. O maior privilégio que tenho hoje em dia e ter a oportunidade de ser uma professora indígena, pois, assim estou resgatando minha história e ao mesmo tempo contribuindo na educação da minha gente.

Estou tendo a experiência de trabalhar com a pré-escola, onde fico maravilhada em ver as crianças desde cedo, conhecendo sua identidade, compreendendo o quanto é importante participar da vida em comunidade, do prazer que já demonstram em estar em uma roda de toré. A participação das crianças nos momentos festivos e religiosos é sempre de grande emoção, pois, na vida moderna em que vivemos de discriminações sempre afloradas, é onde podemos ver que o trabalho da nossa educação intercultural diferenciada está dando resultado, e que devemos sempre ser pesquisadores das nossas histórias, costumes, crenças, para sempre levarmos a adiante o prazer de ser índio.



As atividades didáticas são desenvolvidas de acordo com a nossa realidade, onde não dispomos de material didático específico, não temos conhecimento de outra língua materna, mas o que as pessoas mais velhas e lideranças da comunidade têm de conhecimento e sempre trabalhou junto com a escola /comunidade em prol de manter as práticas e conhecimentos Pankararés, já fortalece muito no papel do educador.

O professor indígena nunca deixa de enriquecer seu conhecimento, pois a nossa cultura é muito rica, quanto mais você convive nela, mais aprende. Na nossa prática educativa até uma simples folha de uma árvore no chão, se torna um tema a ser trabalhado. As crianças crescem com um olhar diferente voltadas para a natureza, para os rituais religiosos e pela sua identidade.

# EXPERIÊNCIA VIVIDA: UMA ESTRADA A PERCORRER

ROZILENE SILVA SÁ TUXÁ

Quantas descobertas, novidades e principalmente quanto conhecimento adquirido, é assim que desejo iniciar esse meu relato, expressando como me sinto hoje exercendo a função de coordenadora em uma escola indígena. A minha caminhada teve início em maio de 2010, quando comecei a exercer essa função. De início foi muito difícil, pois, além de não conhecer bem o processo cultural do Povo Pankararé, ainda não era vista com bons olhos pela maioria dos professores, pois entrei na escola em um período conturbado e de luta da comunidade pela estadualização da escola.

Apesar da não aceitação que deu início ao meu trabalho, procurando conhecer a fundo os processos políticos sociais e, principalmente, culturais do povo; engajando-me nesse processo e buscando sempre dar o melhor de mim para o desenvolvimento da cultura PANKARARÉ dentro da escola.

No meu trabalho como coordenadora, dou suporte pedagógico aos professores, auxiliando-os no desenvolvimento de suas práticas em sala de aula; acompanho o desempenho e as dificuldades enfrentadas pelos alunos e organizo junto aos professores os projetos a serem executados durante o ano letivo.

Nesse trabalho em conjunto, procuramos dar ênfase às comemorações particulares do nosso povo, trabalhando a identidade de nossos alunos, sempre buscando mostrar o caminho que deverá ser trilhado por eles enquanto indígenas.

Hoje, depois de quatro anos, posso afirmar que sou uma educadora indígena, apesar de não estar diretamente ativa em sala de aula, pois juntamente com os professores, levamos aos nossos alunos uma educação diferenciada e, principalmente, de qualidade.

Para encerrar a minha fala gostaria de citar um provérbio que traduz o trabalho do coordenador escolar indígena.

*“Não ande atrás de mim,*

*Talvez eu não saiba liderar.*

*Não ande na minha frente,*

*Talvez eu não queira segui-lo.*

*Ande ao meu lado, para podermos caminhar juntos.”*

# A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO E TRADIÇÃO PANKARARÉ

ELAINE PATRÍCIA DE SOUSA OLIVEIRA ATIKUM-PANKARARÉ

O Povo Pankararé é um povo de tradição, que tem a sua afirmação cultural fortemente caracterizada no ritual encantado. A educação escolar Indígena Pankararé cultua a importância da natureza, das matas, dos encantos, da caatinga, dos folguedos e da ciência divina do Amaro que é o nosso lugar sagrado no Raso da Catarina, onde a força encantada do pé de Jatobá está. As crianças desde cedo já frequentam as tradições fortalecendo sua identidade e entendendo que é necessária a continuidade dos trabalhos pra manter viva a história de luta e a resistência dos mais velhos que tanto zelaram e zelam pelos donos da nossa ciência divina.


A participação de todos nas atividades culturais da Aldeia só fortalece ainda mais a educação diferenciada que é trabalhada na escola pelos professores indígenas, mesmo assim temos ainda a participação efetiva dos nossos caciques, pajé e lideranças que fazem parte da Gestão Compartilhada da escola, organizando-se com um conselho que decide o formato de organização interna da escola, como também externa, respeitando a família e a educação que os indígenas recebem dos pais, que é ainda mais valorizada na escola, ambiente onde que sistematiza todos os saberes.

O calendário escolar respeita os festejos e as datas tradicionais da Aldeia, dando ênfase a cada uma delas, aproveitando cada momento para iniciar a pesquisa e a formação conjunta entre comunidade, professores e alunos indígenas numa troca de saberes experiências notórias. Todo projeto de pesquisa comunitária tem aproximado ainda mais a comunidade e suas especificidades da realidade vivida hoje na aldeia, a escola é parte fundamental que une o pedagógico a tradição refletindo positivamente para a construção do saber qualitativo que de todas as formas reflete na educação e na formação dos nossos alunos guerreiros Pankararé. A participação da comunidade na escola afirma também o sucesso do trabalho e aceitação do que é a educação indígena e escolar indígena.

A Comunidade se organiza nesse contexto histórico mantendo a cultura viva compreendendo seu papel e o protagonismo indígena do povo Pankararé. A reflexão que se faz é como a religião numa amplitude de saberes e orações que juntas comprometem e prepara nossos alunos indígenas.

A escola busca cada vez mais seguir um modelo diferenciado para seu currículo trazendo os conhecimentos diferenciados distintos e a interculturalidade para esse modelo escolar de compreensão e valorização da cultura e da ciência. É importante compreender que as atividades escolares são sempre atividades culturais possibilitando momentos de contato direto com o diálogo histórico do povo, como também com o mundo da sociedade não indígena inserindo nas atividades, esse modo de vida que é tão presente também hoje no nosso. É que ao promover essa interação não nos fechamos para o mundo, mas aprendemos ainda mais como nos fortalecer culturalmente não deixando de participar da sociedade como um todo.





O uso histórico de vida dos povos indígenas é a de resistência, mas também de sabedoria. Essa troca de conhecimento favorece as nossas organizações, conseguindo desmistificar a leitura e visão da sociedade não indígena quando a mesma não favorece a nossa particularidade. Entendemos que a educação é a história que vive e resiste como forma própria de memória, cada povo significativamente conduz seu processo que em comum tem o objetivo de respeitar e valorizar os conhecimentos dos ancestrais cuidando das histórias e costumes do povo, dando continuidade e fortalecendo a identidade e a força dos trabalhos com os encantamentos.

# MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DA BAHIA E CONSOLIDAÇÃO DA APINOBA

SANDRO HAWATY ARFER TUXÁ

Falar sobre a nossa Associação dos Professores Indígenas do Norte e Oeste da Bahia - APINOBA é gratificante, pois me sinto parte desde a sua fundação. Minha militância indígena iniciada em 1998, ano em que fui eleito pelos parentes Indígenas do Norte e Oeste da Bahia, para articular as lutas desta região através da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo – APOINME. Uns dos principais desafios encontrados foi dar resposta à confiança depositada por lideranças, caciques e dirigentes do Movimento Indígena da Bahia e da Região Nordeste, em minha liderança.

Em 1999, tive a honra de ser indicado pela APOINME, para representar nossa Organização no Comitê Nacional de Educação Escolar Indígena, instância vinculada ao Ministério da Educação. Durante os meus dois anos nessa representação conheci várias ações que estavam sendo desenvolvida no âmbito da Educação Escolar Indígena, a maioria delas realizadas graças ao protagonismo de nossos professores e lideranças

indígenas, destaco as experiências praticadas pelos professores Indígenas no primeiro magistério Indígena da Bahia, iniciado no ano de 1977, em que os povos Kiriri, Tuxá, Kaimbé, Pankararé, Pataxó, Pataxó Hãhãhãe deram passos importantes no fortalecimento da educação Escolar Indígena, promovendo vários debates sobre o tema e sobre as práticas que eram desenvolvidas em suas comunidades, sendo socializadas no curso do **magistério** e nas reuniões que eram provocadas pelo movimento iniciado em nosso estado, dando uma grande contribuição para o Referencial Nacional Curricular Indígena – RCNEI, criando também o Fórum Estadual de Educação Escolar Indígena, hoje denominado de FORUMEIBA.

No estado vizinho do Pernambuco, estava sendo criada no final de 1999, a Comissão dos Professores Indígenas de Pernambuco – COPIPE, promovendo encontros para trabalhar os avanços da educação escolar indígena na perspectiva de socializar as práticas inovadoras realizadas pelos povos que ali se encontravam. Tomado pelo desejo de conhecer melhor essas experiências, estive presente junto com o parente Jerry Matalaê Pataxó em um dos encontros da COPIPE, realizado no Povo Indígena Fulni-ô, ao ver o trabalho sendo desenvolvido por alguns professores da comunidade escolar daquele Povo, na manutenção e fortalecimento do uso da língua materna denominada de I-atê, pudemos perceber que tínhamos muito mais por fazer em nossas lutas em nosso Estado da Bahia.

Ainda no final de 1999, tivemos uma conquista, com a aprovação da Resolução 003/99 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que responsabilizou os estados pela oferta e execução da educação escolar indígena, de forma direta ou por meio de regime de colaboração com seus municípios, com essa diretriz poderíamos reivindicar a aplicação da educação escolar Indígena de maneira específica e

diferenciada, tendo a necessidade de nos organizarmos para assegurar a implementação. Destaco que outro avanço significativo da época ocorreu com a instalação do curso pioneiro denominado de Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena pela Universidade Estadual do Mato Grosso – UNEMAT, consolidado no Comitê Nacional de Educação Escolar Indígena.

Tendo a oportunidade de participar desses dois grandes projetos aqui mencionados, sentindo a necessidade de fortalecer o movimento de minha região e do meu estado através da participação ativa no Fórum Estadual de Educação Escolar Indígena – FORUMEIBA, percebendo de forma conjunta, que as distâncias e as particularidades distintas das regiões indígenas da Bahia, somadas as demandas reprimidas ou as questões pontuais e locais, não tinham como serem respondidas por nosso Fórum de Educação, por essa razão, nossa Região do Norte e Oeste teve a necessidade de criar uma organização de caráter Regional, o mesmo ocorreu na Região do Sul e Extremo Sul, sendo que essas organizações são vinculadas ao nosso FORUMEIBA que é a instância responsável pela articulação do Movimento da Educação Escolar Indígena em todo Estado da Bahia, bem como para debater as políticas públicas a nível Estadual e Nacional.

Em uma das etapas do curso do Magistério Indígena realizada na cidade de Paulo Afonso, nossos professores Indígenas da Região do Norte e Oeste da Bahia, ali representando seus Povos, conseguiram formular as proposições necessárias para finalizar o processo de criação da organização de contexto Regional, desta forma ocorreu a reunião de constituição da Associação dos Professores Indígenas do Norte e Oeste da Bahia – APINOBA, tendo apoio da Coordenação de Educação da FUNAI de Paulo Afonso na pessoa da Rosineide Tuxá, e das lideranças que se colocaram a frente do processo como: Celson Kiriri 1º Coordenador e Vice-

coordenadora Aldenoura Jurum Arfer Tuxá, Maria do Socorro Apako Arfer Tuxá, Marlinda Kiriri, Onalvo Kiriri, América Jesuína Kiriri, Valdineide Tuxá Ibotirama, Euania Apako Tuxá/Kaimbé, Maria Luiza Pankararu/Kaimbé, Lindimar Zumira Jurum Arfer Tuxá.

A APINOBA, foi criada tendo com principal objetivo defender a Educação Escolar Indígena de forma Específica e Diferenciada, investindo seus esforços para a oferta de uma educação de qualidade para as populações Indígenas, valorizando os profissionais da Educação Indígena e sua formação, levando com princípio o respeito à valorização dos nossos costumes, crença e especificidades. Sendo a entidade legitimada por nossa Região para representar e defender os nossos direitos, bem como defender a nossa carreira de Professor Indígena, sendo vinculada diretamente a nosso Fórum Estadual de Educação Escolar Indígena – FORUMEIBA.

No primeiro momento a APINOBA consegue dar o seus passos iniciais para o seu fortalecimento institucional, conseguindo dar visibilidade às questões da Região, porém, tendo encontrado enormes dificuldades relacionadas às distâncias e a falta de apoio financeiro nossa organização não conseguiu dar os passos seguintes, de maneira que quase caiu no esquecimento. Com o compromisso e a dedicação, nossa entidade consegue ser impulsionada e através do protagonismo das Indígenas: Socorro Apako Tuxá - Aldeia Mãe Rodelas e Valdineide Tuxá – Ibotirama, acompanhados pelos Indígenas: Cecília Tumbalalá, Genicléia Arfer Tuxá - Aldeia Mãe Rodelas, Marinalva Tumbalalá, com esse novo grupo diretivo a APINOBA passa a sanar os problemas burocráticos e a se firmar, de forma heroica nossas dirigentes, conseguiram superar os momentos de crise de ordem financeira e burocrática.

Assim como ocorreu no magistério Indígena, que através do protagonismo dos professores, tornou-se um grande celeiro da militância indígena da Bahia, sendo propositores das inúmeras ações que resultaram na criação do FORUMEIBA, dando os passos imprescindíveis para consolidação da Educação Escolar Indígena e dá categoria dos professores indígena da Bahia, e para a efetivação das licenciaturas interculturais em educação escolar indígena - LICEEI. Ocorre um reencontro na militância indígena através da LICEEI-BA, os estudantes indígenas do Norte e Oeste, se viram obrigados a continuar os passos iniciados através do magistério.


Estudantes da LICEEI pertencentes ao Campus VIII da UNEB em Paulo Afonso, entendendo que a Região do Norte e Oeste da Bahia precisa ter uma melhor interação, necessitando dispor de uma melhor articulação, para que de maneira propositiva possa contribuir para o fortalecimento do movimento Estadual e Nacional de Educação Indígena, resolvem reavivar a Associação dos Professores Indígenas do Norte e Oeste da Bahia – APINOBA, sendo realizada em meados de 2012, em decorrência de uma etapa ampliada da LICEEI uma reunião que legitimou uma nova direção de nossa Organização Regional.

Várias ações vêm sendo demandadas, após o ato de reestruturação da APINOBA, destacamos a intervenção de nossa organização liderada pelo FORUMEIBA e os movimentos Indígenas da Bahia, para a realização do primeiro concurso Público para os Professores Indígenas do Estado da Bahia. Tendo o compromisso e a contribuição voluntariada da maioria dos estudantes da LICEEI, conseguimos realizar através do OPARÁ/UNEB tendo o apoio da DIRECs 10 de Paulo Afonso, o primeiro encontro dos professores Indígenas do Norte e Oeste da Bahia, esse encontro realizado nas dependências da UNEB Campus VIII no mês de agosto de 2013, trouxeram reivindicações que deram base de sustentação para as lutas a

serem travadas pela APINOBA em defesa do direito dos professores indígenas na formação continuada, na valorização da categoria profissional do professor indígena, na oferta de cursos de formação profissional, na instalação de uma nova Licenciatura a ser ofertada de maneira regular pela UNEB através do Campus VIII em Paulo Afonso e Campus XXII em Teixeira de Freitas.

Passado mais de um ano, nossa organização apesar das dificuldades estruturais e logísticas, consegue dar um nível de respostas para os professores Indígenas desta Região, pois conseguiu através de nosso protagonismo ajudar, dando um nível de respostas para as demandas apresentadas no Encontro de 2013. Tendo o apoio intelectual e agregador do OPARÁ, da Coordenação de Educação Escolar Indígena – CEEIN/SECBA e em alguns momentos contando com a direção da UNEB, podemos efetuar algumas articulações conjuntas, junto a Coordenação Nacional de Educação Escolar Indígena – CNEEI/MEC e na Secretaria de Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI/MEC, que teve como resultados a formulação da nova proposta da LICEEI, sendo posteriormente aprovada no programa PROLINDI/MEC, também tivemos a aprovação de Lei de Diretrizes Orçamentária Anual – LOA que prever o a liberação de Um milhão e meio de reais, para construção do espaço do Centro Indígena de Formação e Pesquisa do Semiárido Baiano – OPARÁ.

É preciso que a organização APINOBA, possa se fortalecer junto as suas bases, traduzindo as experiências e as conquista na prática, encontrando mecanismos que possibilitem a realização da Primeira Assembleia Geral dos Professores Indígenas da APINOBA, prevista para ocorrer no povo Kaimbé, avaliando de forma e propositiva e reflexiva sobre as nossas fragilidades e pontos positivos de nossa educação escolar e indígena, estabelecendo metas a serem alcançadas a logo e médio prazo para a



formação continuada, na valorização dos professores indígenas, nas ações que oportunizem a permanência dos estudantes indígenas nas universidades, na troca de experiências que possa fortalecer as práticas da educação Indígena.



# EXPERIÊNCIA VIVIDA: PROJETO AÇÃO SOCIAL

CIRILA SANTOS GONÇALVES KAIMBÉ

Em 18 de julho, o Colégio Estadual Indígena Dom Jackson Berenguer Prado, recebeu a visita de dois representantes do Projeto Ação Social do Município de Euclides da Cunha (nosso município). Essa visita tinha como objetivo firmar uma data para atividades do projeto. O Colégio se uniu ainda com a equipe de saúde indígena (SESAI), mobilizou a comunidade e no dia primeiro de agosto as atividades aconteceram. O atendimento também se estendeu para pessoas das comunidades vizinhas da Aldeia Massacará. Todas as famílias foram contempladas com programas e palestras, como:

Programa Bolsa Família;

Fazer Carteira para os Idosos;

Palestra sobre Aleitamento Materno, com as Mães que Amamentam;

Palestra sobre Hanseníase;

Palestra sobre Hipertensão e Cuidados com a Saúde (Para as pessoas Hipertensas);

Palestra sobre Álcool e Drogas voltada para os Adolescentes e Jovens.

A equipe do projeto trouxe uma pessoa para trabalhar com as crianças (Atividades Recreativas/ Educativas). A abertura das atividades foi com os estudantes e demais, dançando o Toré kaimbé, foi um dia diferente na Aldeia Massacará. Pela primeira vez, o Colégio Estadual Indígena Dom Jackson Berenguer Prado, executou as três modalidades dos Projetos Estruturantes o AVE, o EPA e as Danças Estudantis, Os mesmo são Projetos Prontos da Secretaria de Educação e a Diretoria Regional de Educação, Direc12. Esses projetos atende os estudantes do 6º ao 9ºano. O Seminário para a escola do melhor trabalho aconteceu no dia 19 de Agosto, com a minha coordenação e orientação dos professores, os estudantes se empenharam para mostrar um belo trabalho, apesar do pouco tempo para o seminário, o resultado foi muito bom, um representante da DIREC esteve presente, a equipe julgadora foi formada por professores e outros membros da comunidade. O vencedor do Projeto AVE foi o estudante do 8ºano, Ozano, com a pintura em um poste mostrando o mito da serpente, Igreja e Pedra do consolo, o vencedor do Projeto EPA foi o grupo Meninas guerreiras do 6º ano, o grupo produziu um álbum sobre plantas medicinais da comunidade, em abanos. O grupo vencedor de danças estudantis foi o grupo Tupã Juracy.

Na primeira semana de setembro, chega a notícia que o grupo Tupã Juracy foi o escolhido na seleção da DIREC em Serrinha (PE), o mesmo grupo já estava convocado para se apresentarem no dia 18 de setembro. Todos nós ficamos muito felizes, foi uma grande “satisfação” como diz Rone, membro do grupo de dança e liderança na comunidade.

Mas alegria de pobre dura pouco, o grupo só conseguiu chegar até Serrinha, não foi dessa vez, que chegamos a final, mas foi uma experiência muito boa.

# ATIVIDADE DIDÁTICA: DAS BRINCADEIRAS AOS TEMAS DE PROJETOS DIDÁTICOS

ERY ROSALINA DOS SANTOS SILVA TUMBALALÁ

Ser “educador” é um grande desafio ao ser humano. No entanto, é prazeroso e gratificante, tanto para o educador quanto para o aprendiz. Por isso, tenho orgulho em dividir com os demais parentes, algumas de minhas experiências de atividades didáticas desenvolvidas nas turmas de 8ª série, na disciplina Língua Portuguesa. São tantas, mas vou descrever apenas duas delas.

A 1ª chama-se: “Pescaria do Conhecimento”. É uma atividade que requer do aluno habilidade em pescar; ou seja, coordenação motora em mirar o anzol na argola contida no peixe e conhecimento com conteúdo estudado em sala de aula com o professor. Para que isso aconteça o professor vai precisar de:

- Peixes recortados (o número de alunos);
- 1 anzol (de preferência produzindo pelo professor);
- 1 metro de linha;
- Argolas de tampa de garrafa pet (o mesmo número de alunos);

Em cada peixe o professor deve enumerar de um lado e colar um papel do outro lado dobrado contendo perguntas do conteúdo. As mesmas podem ser objetiva ou subjetiva. Ao chegar à sala de aula os alunos devem ficar em círculo, sentados na cadeira; só vão se levantar quando for a vez de pescar. A brincadeira é iniciada da direita para esquerda. Após o círculo pronto, a professora vai jogar os peixes no chão separadamente uns dos outros. À medida que o aluno for pescando ele deve dizer o número do peixe para que o professor possa olhar no caderno a pergunta correspondente ao número do peixe pescado. Se o aluno acertar ganhará pontuação na disciplina; caso algum aluno não aceite, esses, ficam guardados e depois que todos participem, o professor vai dar oportunidade para os alunos que “erraram” responderem outras perguntas. Meus alunos se divertem, gostam e têm um resultado positivo na hora da “prova”.

A 2ª atividade chama-se: “Quadro da Dúvida”. Ela é desenvolvida principalmente ao final de cada unidade. É desenvolvida da seguinte maneira:

- Todos devem estudar em casa os conteúdos estudados durante a unidade;
- Formar 2 grupos em sala de aula;
- Desenhar no papel madeira o quadro existindo em cada quadro uma folha verso contendo a pergunta da opção;
- Tirar ímpar ou Par;
- Escolher um líder a cada grupo.

O líder escolhido pelo grupo tem a função de escolher o número e a letra, reunir o grupo e chegar a resposta da pergunta existente na opção escolhida. Se o grupo acertar continua jogando, caso erre, o 2º grupo tem autonomia em responder a pergunta que o 1º grupo errou, ou pode

escolher outra opção, tipo A3, então ele vai ler e responder a pergunta correspondente. Ao final da atividade, todos ganham pontuação extra independente de ter obtido maior pontuação ou não.

### **Relato de experiência com projetos didáticos**

Há 10 anos trabalho da Escola Municipal Indígena Santo Antônio do Pambu; em Abaré - Ba. Durante esse ano trabalhamos diversos projetos, tais como: Projeto Memória: “Quem ama preserva”. Nesse projeto todos os professores fizeram a contextualização dos conteúdos dos conteúdos, disciplinas, pesquisaram os patrimônios Públicos e Culturais, tivemos aula no “Aloque,” lugar histórico da aldeia que fica no meio da caatinga, colhemos com as lideranças e pessoas mais velhas informações, memórias da nossa aldeia, praticamos nossos rituais, apresentamos coreografias (os alunos), fizemos a culminância com todos os alunos de todos os turnos. No projeto “Meio ambiente, Minha Casa, Meu Lar” houve pesquisa principalmente voltada para a natureza, conhecimentos dos mais velhos (Ciências/remédios, crenças, rituais, passeata na comunidade – Pambu). Foi ótimo, visitamos as margens do Rio São Francisco, fizemos o plantio de plantas nativas em todos os adiantamentos. Em “Leitura e escrita” a escola trabalhou leitura de vários livros literários e da aldeia; Produção de Poemas, Narrativas, Literatura de Cordel, etc. Em “Folclore na Escola” o os alunos pesquisaram com lideranças e pessoas mais velhas sobre lendas, encantos e histórias existentes na aldeia. Durante as aulas tiveram contos maravilhosos.

# EDUCAÇÃO INDÍGENA NA UNIVERSIDADE

JANDAIR RIBEIRO DE OLIVEIRA TUXÁ

Meu nome é Jandair Ribeiro de Oliveira, sou Tuxá residente na cidade de Rodelas na Bahia e atualmente estou atuando como professor indígena na Escola Estadual Indígena Capitão Francisco Rodelas; na aldeia mãe da comunidade Tuxá de Rodelas, atuando na educação infantil.

Minhas reflexões versam sobre a minha experiência na Universidade Estadual De Feira De Santana, onde atuei como presidente da Casa Indígena localizada no campus da UEFS, onde abrigava alunos cotistas indígenas oriundos das mais diversas etnias da Bahia e do Brasil.

Antes de entrar na universidade, eu estava atuando como professor indígena no Oeste da Bahia na aldeia KIRIRI do Muquém do São Francisco, foi nessa condição que entrei no curso de formação de professores indígenas, o Magistério Indígena. Nessa fase, eu me encontrava muito envolvido com a educação indígena e com as comunidades que estava tendo uma relação próxima aos TUXÁ de Ibotirama da fazenda Morrinhos e os KIRIRI do Muquém do São Francisco.

Diante dessa nova experiência no Oeste da Bahia, desperta em mim o desejo e a vontade de militar a favor das comunidades indígenas do Oeste,

já que vivenciei uma realidade muito diferente do que observei nas comunidades do Norte da Bahia. Mesmo com a receptividade e momentos felizes fundo dos TUXÁ de Ibotirama e dos KIRIRI do Muquem, despertou em mim, a vontade de colaborar com as mudanças a favor desses povos que viviam momentos de exclusão e abandono por parte dos setores responsáveis pela sua assistência em educação, saúde e direito a terra e a cidadania.

Com tantas implicações, o Magistério Indígena foi o canal para que eu pudesse fazer minha militância a favor dessas comunidades e as aprendizagens afluídas durante o curso foram essenciais para que as minhas indagações fossem expandidas e a troca de experiências com os outros povos indígenas da Bahia que participaram do Curso do Magistério Indígena fortaleceram meu empenho em lutar e continuar a acreditar na Educação Escolar Indígena diferenciada e de qualidade.

A entrada no mundo acadêmico veio em meio a muita luta e esperança de um dia fazer uma Universidade Pública. No ano de 2007, realizei o sonho de prestar um vestibular e entrar em uma universidade, antes habitada em sua maioria pelos “brancos”. Fazer pedagogia na UEFS foi uma experiência ímpar e muito rica, visto que consegui conciliar minha formação acadêmica com a do Magistério Indígena.

No início foi tudo muito difícil, os estudantes indígenas que passaram no vestibular chegaram a uma Universidade desprovida de políticas afirmativas concretas que foram implementadas e reivindicadas pelos primeiros indígenas que vivenciaram esse longo e árduo processo, desde os mais velhos (Lideranças e Representantes das Comunidades da Bahia) até a nossa chegada.

Inicialmente os indígenas foram alvo de todo tipo de discriminação e exclusão por parte dos alunos, professores funcionários e gestores da Universidade Estadual de Feira de Santana na Bahia. O que vivenciamos nos primeiros momentos na universidade serviu de alicerce para que um pequeno grupo pudesse romper com os paradigmas da opressão e começar a lutar por seus direitos a favor da construção e consolidação das políticas afirmativas pensadas para os povos indígenas e agora para os estudantes universitários.

O curso de formação em magistério indígena serviu de base para minha formação docente e política, e os frutos dessas aprendizagens vim a colher no decorrer do mesmo. Na universidade, participei de várias lutas em favor dos estudantes e depois que foi construída a Casa Indígena, fui eleito pelos estudantes o primeiro presidente da casa indígena da UEFS. Em seguida veio a inserção no sistema bandeirão que a universidade já vinha executando, a bolsa FUNAI / UEFS uma conquista dos estudantes no decorrer das suas lutas, o Curso de Antropologia Indígena, dentre outras políticas protagonizadas por diversos sujeitos e membros de órgão indigenistas, governamentais e não governamentais.

Quanto aos estudantes indígenas, o que observei é que muitos ainda preferem esconder sua identidade a ter que encarar os estigmas e preconceitos presentes nos espaços acadêmicos. Poucos ousam andar com os adornos, cantar, dançar e expandir a beleza e a força da cultura dos povos indígenas e do seu povo de origem.

É nessa condição que observo o importante papel da educação escolar indígena que está sendo desenvolvido nas comunidades, com o objetivo de reacender nossa cultura, nossos métodos próprios de aprendizagens e nosso patrimônio material e imaterial que podemos usar como instrumento




de luta, a favor dos nossos direitos no mundo contemporâneo dominado pela Cultura “branca”.

Os professores indígenas que estão atuando nas aldeias hoje, têm um importante papel na formação do sujeito indígena que irá chegar na universidade. Com isso surgem alguns questionamentos, tais como: Que tipo de procedimento didático pode colaborar com a formação dos futuros indígenas universitários? Como a escola pode colaborar com a formação educacional, cultural e política desses sujeitos? Que tipo de conteúdo é necessário para o enfrentamento dos estereótipos nos espaços acadêmicos ou não? Será que minhas aulas estão contemplando o contexto social dos meus alunos? Qual o papel do professor indígena na formação dos seus alunos frente aos obstáculos impostos pela cultura “branca”. Esses e outros questionamentos só reforçam o “quão” é importante pensar na Educação Escolar Indígena, os métodos, os níveis para que possamos fortalecer nossos guerreiros, rumo à concretização de um sonho/desejo de possibilitar aos nossos as aprendizagens da nossa cultura de forma integral, respeitando sempre as outras culturas.

Hoje, trabalho na escola do meu povo, Tuxá, um grande e importante passo já foi dado, agora é compartilhar acreditar e fomentar tudo que foi plantado acreditando sempre em colher novos frutos juntos dos parentes, lideranças e professores que encontramos durante a nossa prática de formação contínua.

A educação indígena está na alma e no sangue de todo professor indígena que acredita na força da sua cultura de forma incondicional.



# RELATO DE EXPERIÊNCIA: ATIVIDADES EDUCATIVAS E CULTURAIS DESENVOLVIDAS COM A ESCOLA E A COMUNIDADE

MARLINDA KIRIRI

Sou Marlinda, Índia Kiriri, Casada há onze anos, tenho três filhos duas meninas e um menino, professora indígena no Colégio Estadual Indígena Florentino Domingos de Andrade, filha caçula do casal Florentino e Maria Florência, os mesmo são índios Kiriri Canta Galo no Município de Banzaê Bahia.

O Projeto Modos de Viver do Povo Kiriri Canta Galo, foi desenvolvido com a parceria da FUNAI, do povo kiriri Canta Galo e de toda a comunidade escolar. O objetivo do mesmo é conscientizar que é necessário toda a comunidade continuar tendo hábitos saudáveis, para conseguir um futuro longo, aprendendo técnicas de como fazer o adubo orgânico sem precisar prejudicar a saúde, utilizando nas hortas escolares e hortas de quintal. Aprendemos que o coqueiro leva aproximadamente cinco anos para sua molhação chegar a sua raiz. O primeiro dia foi trabalhado com as oficinas e nos dois últimos dias com aula prática, onde colocamos a mão na massa

para ver a coisa acontecer. Diante do que foi proposto para todo o grupo que ali estava, todos muito ansiosos, começamos a fazer os canteiros e plantar as sementes, outros fazendo os buracos para plantar as mudas de plantas frutíferas, empolgados para que tudo ocorresse bem. Para nossa tristeza, as sementes de hortaliças não nasceram, ficando nosso projeto pela metade, restando apenas as plantas frutíferas aos arredores do colégio, mas essa história não acaba por aqui .

Fomos para o segundo plano, reunimos novamente todos envolvidos no projeto e seria necessário refazer todo o plantio de hortaliças com uma novidade: o Reflorestamento das margens das lagoas mais próximas do Colégio. Essa ideia só veio fortalecer mais ainda a preservação que o povo Kiriri tem com o meio ambiente de todo o território. Muitas vezes fomos tachados de preguiçosos, por estarmos deixando a mata tomar conta de todo o território. O povo branco da nossa região, não dá valor a quem é de direito, que são os índios, as chuvas que chegam até eles por conta das matas. Com o reflorestamento das margens das lagoas, o povo kiriri de Canta Galo brilhou os olhos na esperança de um dia voltar a fazer algumas de suas refeições com peixe pescado na hora e fazer suas hortas aos arredores das lagoas, mesmo que aconteça em alguns anos mais na frente, porque estamos pensando nas futuras gerações e não simplesmente no presente.

Importante também que o projeto foi protagonizado por dois indígenas que são técnicos Agrícolas e uma técnica. Na segunda parte tivemos ajuda de dois técnicos da FUNAI de Paulo Afonso. Com essas atividades que envolvem a comunidade indígena e a comunidade escolar, percebe-se que todos juntos podemos construir cada vez mais oportunidade para uma geração futura.

# RELATO CRÍTICO-REFLEXIVO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

TAYRA ARFER TUXÁ

Historicamente os povos indígenas vêm sendo submetidos a um modelo de educação que não condiz com os projetos societários de cada comunidade indígena, contudo, a ideia de que a escola poderia ser um instrumento favorável à autonomia indígena, favorecendo as comunidades nos processos diversificados de sustentabilidade em diferentes níveis: sustentabilidade cultural, linguística e econômica. Como se propõe, a educação escolar indígena ganha força dentro do movimento indígena que desde a década de 70 coleciona muitas conquistas no campo do direito acentuadas após a constituição de 88.

Inicia-se assim um processo de grandes reflexões sobre como deveria ser essa educação inovadora. As discussões iniciais enfocavam nos direitos indígenas a uma educação bilíngue, que a escola como meio de acesso a informações para os povos indígenas em sua relação com não índios e em sua inserção na sociedade brasileira, entendendo que acima de tudo a escola deve ser autônoma, libertadora, um espaço de fortalecimento cultural e assim entra em cena a figura do professor indígena.

Pensando em assegurar a aprendizagem dos conhecimentos universais, a própria comunidade indígena nomeia como professores aqueles menos identificados com o modo de ser tradicional, mas que parecem estar integrados no sistema nacional, mas o contrário também pode acontecer,

temos também professores militantes da causa indígena, que vivem com consciência crítica os problemas de seu povo, transformando as escolas em espaços que germinaram movimentos de resistência e de reivindicação de direitos sobre a terra, contra a discriminação e a falta de respeito. Daí a importância dos cursos de formação para professores indígenas.

Em todo o cenário nacional, sobretudo as regiões norte e oeste do estado da Bahia – das quais posso falar com propriedade – temos muitos professores indígenas distantes das práticas ritualísticas e políticas de suas comunidades, como também muitos são os militantes, engajados no movimento indígena, mas que não dispõem de conhecimentos técnico-científicos e didáticos necessários às suas práticas pedagógicas.

Com o exposto, tornou-se evidente a necessidade de um curso de formação específico para professores indígenas, como espaço de reflexão sobre a prática pedagógica dentro das escolas indígenas. A Licenciatura Intercultural em Educação Escolar indígena (LICEEI), a priori, resultado de um processo árduo de luta do movimento indígena para a consolidação de uma educação diferenciada e de qualidade. Através da UNEB, uma instituição precursora na luta pelo desenvolvimento da educação indígena na Bahia, existiu a possibilidade de aliar os conhecimentos universais acadêmicos e os saberes tradicionais da cultura indígena, nivelando esses dois perfis de professores indígenas anteriormente apresentados, transformando-os em professores indígenas pesquisadores de sua própria cultura. Pois o professor deve estar inteirado de todos os processos que envolvem a comunidade.

Assim, considerando que todo professor deve ser obrigatoriamente um pesquisador e que a escola é uma instância que está a serviço da comunidade. Escolhemos como atividade do estágio supervisionado

desenvolver um projeto que considerasse os anseios da comunidade, e foi a partir de um relato do nosso Pajé acerca de sua preocupação com relação à dificuldade de se encontrar ervas medicinais em função da devastação de nosso território. Por estar na rota de desenvolvimento nacional, decidimos pelo tema *Ecopedagogia Indígena: A relação do Povo Tuxá com as matas*, por considerar a cura pelas plantas uma ciência milenar produzida por nossos ancestrais que não pode ser esquecida, melhor dizendo, que deve ser fortalecida.

Desenvolver esse projeto foi muito prazeroso, aprendi muito com as pesquisas realizadas juntamente com os alunos, com as palavras do Pajé que nos acompanhou em algumas atividades. Nos planejamentos das ações e durante as ações, tivemos momentos de importância imensurável que nos proporcionou oportunidades de amplas investigações, sobretudo da própria prática pedagógica.

Foi com muito carinho que elaboramos e desenvolvemos esse projeto, e refletindo sobre todo empenho empregado pelo grupo e os resultados colhidos, acredito que esse trabalho foi extremamente relevante para mim, para meus companheiros de luta, para nossos alunos, para nossa comunidade. Gostaria de destacar que o êxito de nosso trabalho se deve muito a harmonia do grupo de professores envolvidos, o compromisso, a doação de cada um.

# RELATO DE EXPERIÊNCIA EM COORDENAÇÃO ESCOLAR

PAULA BATISTA KIRIRI

Eu, Paula Batista de Almeida, tive uma experiência na coordenação escolar indígena na unidade escolar: Colégio Estadual Indígena José Zacarias, aldeia Mirandela, Povo Kiriri Município de Banzaê- BA.

Não sou uma Pedagoga ainda, mas estou estudando para isso. Tive o prazer de trabalhar na coordenação ajudando os professores, fazendo a programação dos mesmos, organizando turmas e arrumando a carga horária de toda a equipe de funcionários da escola. Muitas dificuldades foram enfrentadas, mas hoje não trabalho na coordenação escolar. Atualmente, atuo no setor administrativo da escola e na coordenação não tem ninguém, os professores sentem muita falta de uma pessoa para auxiliar eles nos encontros pedagógicos e nos encontros de AC que realizamos quinzenalmente. Se já tínhamos dificuldades, pior é agora que ninguém ficou na coordenação escolar, pois não temos em nossa escola professores efetivos e a situação ficou difícil. O diretor que temos na escola não é índio e não vai todos os dias para escola, por essa razão, a escola só tem os professores índios e nós temos que dar conta de tudo. No meu caso, sou a responsável e respondo por tudo na ausência do diretor, mas

não posso assinar nada que exige o carimbo com portaria, pois sou contratada na escola e não tenho vínculo efetivo com o estado.

A minha experiência foi muito boa, tive mais tempo para me dedicar somente a coordenação escolar, mesmo não sendo mais minha função, ainda faço o que posso junto aos professores do 6º ano ao 3º ano do Ensino Médio. Nós organizamos um projeto que o produto final seria uma gincana, todos os professores participaram e se dedicaram para produzir ótimos trabalhos com seus alunos, pois tudo que ia ser trabalhado em sala de aula seria apresentado aos pais e para toda a comunidade.

Os temas abordados nas apresentações foram histórias de vivência indígena, na qual teve uma que mais chamou a atenção do público: *A reconquista do território KIRIRI*. O público parou e todos ficaram atentos para ouvir, pois o momento de sofrimento estava sendo lembrado no momento da apresentação. Com esses trabalhos produzidos pelos alunos, os professores perceberam que eles se dedicaram muito e no período em que estive na coordenação percebi que os professores se dedicaram bastante e tudo o que foi desenvolvido foi muito proveitoso para os alunos e para toda equipe escolar. Durante esse período na coordenação e hoje fora da coordenação, percebo que os professores precisam de alguém para auxiliar os seus trabalhos, pois as dificuldades irão diminuir com toda certeza.

Sabemos que a educação escolar diferenciada vem se arrastando muito para mostrar que somos capazes de realizar bons trabalhos, pois acredito que temos que desenvolver e correr atrás do que é nosso por direito, nós indígenas nunca ganhamos nada de “mão beijada”, sempre temos que lutar para oferecer um futuro melhor para nossas crianças, por essa razão lutamos por uma educação diferenciada e de qualidade para nosso povo.



# PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INDÍGENA NA COMUNIDADE CANTA GALO

LAECIO DE ANDRADE KIRIRI

O processo de construção de uma educação indígena na comunidade Kiriri Canta Galo vem desde os antepassados, buscando e sonhando com uma educação onde pudessem colocar seus filhos na escola, a sua futura geração Kiriri. Com muita luta e sofrimento, a comunidade conseguiu uma pequena ajuda de professores e representantes da FUNAI, construíram uma oca na aldeia Canta Galo e assim começou a educação indígena.

E assim começa a minha história e envolvimento com a educação indígena. Aos 14 anos de idade, comecei a lecionar voluntariamente para alunos que tinham dificuldades de ler e escrever. Promovidos pelo Núcleo de Assistência Social Paroquial (NASP), uma instituição que ajudou e ajuda a comunidade com educação e outras coisas. Na escola, venho desenvolvendo atividades complementares visando às áreas de conhecimento transversais, publicidade cultural e as disciplinas normais.

O complemento é voltado para aqueles alunos que têm dificuldades de dominar a escrita e oralidade no colégio, e com isso damos aquela força


para esses alunos. A experiência de lecionar muito jovem me mostrou a importância de ser um mestre em ajudar alguém, isso é muito gratificante.

No ano de 2004, tive o prazer de fazer e passar na seleção do REDA e foi uma oportunidade e uma grande porta de sonhos de entrar no colégio e dar continuidade ao trabalho anterior com os alunos. Em 2010, eu e uma professora maravilhosa, ficamos responsáveis pela implantação da primeira turma do ensino médio, a turma do 1º ano com 42 alunos. Foi um grande desafio e uma grande honra de estar fazendo parte dessa história. Isso só foi possível pela boa vontade da secretaria de educação, em parceria com o colégio estadual Flaviano Dantas do Nascimento, que nos cederem um anexo na aldeia.

Esses alunos nos deram forças e muito incentivo, porque eles tinham um grande sonho, um sonho que era de todos na aldeia e em torno do território Kirirí de ser a primeira turma a se formar dentro do território indígena. Com muita força dos nossos guias, conseguimos mais uma turma de 1º e 2º ano do Ensino Médio.

Em 2012, nosso sonho foi realizado, a primeira turma concluiu o 3º ano do Ensino Médio. Orgulho e felicidade estavam estampados no rosto da professora, no meu, no de todos os Caciques, Pajés, Conselheiros, e claro, todos os alunos e suas famílias.

Eu, como mestre de cerimônia, não consegui segurar a emoção de estar ali, realizando os sonhos dos meus parentes que morreram sonhando em ver indígenas formando indígenas, e essa formação acontecendo em seu território, na sua casa, pisando no chão, terra mãe. Em sua fala emocionada, o Pajé Adoniazi lembrou a sua trajetória e a sua luta de buscar, todo santo dia, uma escola que fosse referência. Em seu discurso, o Pajé disse: *“Meus índios, este dia eu estou realizando o meu sonho de*



*ver os meus índios se formando dentro da nossa casa, a casa da mãe terra, e esta formatura será uma semente plantada na terra e que com muito amor, carinho, dedicação e zelo isto é e vai ser a nossa árvore cheia de frutos do amanhã. Foi isso que meu avô plantou há muitos anos e hoje vejo isso como um sonho se realizando.”* Estas palavras vieram de uma grande e importante liderança Kiriri.

As belas palavras do Pajé só nos dá mais vontade de nunca largar a educação e estar sempre lutando pra melhorar esta educação que sempre queremos.

# RELATO DE EXPERIÊNCIA: UM DIA SONHEI COM UMA ESCOLA ASSIM

SOCORRO APAKO TUXÁ

Comecei a trabalhar no ano de 1987, quando fui contratada pela FUNAI para atuar em minha própria comunidade. Para exercer minha profissão, formei uma turma de pré-escola com idades entre 4 e 6 anos. Como a nossa comunidade não tinha escola, por meio de nossas lideranças e lideranças políticas locais, arranjou-se uma sala em uma escola onde eu e outra professora trabalhávamos em turnos opostos. Os nossos alunos eram orientados, preparados e ao estarem aptos a cursar a 1ª série, eram matriculados regularmente nesta escola.

Certo dia, a minha turma de crianças cursando a pré-escola passou por um constrangimento na fila da merenda. Presenciando aquele momento, pois cheguei na hora em que o fato acontecia, jurei que faria alguma coisa para mudar aquela situação. Refleti muito sobre tudo que já havia acontecido comigo e com outros colegas enquanto estudante, pensei sobre o que meus alunos ainda poderiam passar e comecei a participar do movimento de luta por uma educação que tivesse como base nossos princípios.

No dia em que eu fui impedida de frequentar a escola, por ter apenas cinco anos, eu sonhei com uma escola assim, escola onde nossas crianças possam ingressar cedo e que cedo possam ter seus sonhos realizados.

No dia em que fui humilhada por levar meus livros e cadernos em uma bolsa de plástico, eu sonhei com uma escola assim. Uma escola onde podemos estar passando, não somente os conhecimentos que exige o sistema educacional, mas principalmente os conhecimentos atuais do dia-a-dia, os conhecimentos e valores tradicionais que venham nos fortalecer ainda mais como povo indígena. Uma escola onde todos sejam vistos como iguais, quer estejam nus ou vestidos, quer estejam calçados ou descalços.

No dia em que eu, tendo sido avaliada como a melhor aluna com notas elevadas, fui impedida de participar de uma caravana de estudantes para visitar a capital do nosso país, Brasília, eu sonhei com uma escola assim. Uma escola que não exclua, não discrimine seus alunos por condição social, cor, origem, etc. No dia em que eu, como professora regente, vi meus alunos serem excluídos da fila da merenda, eu sonhei com uma escola assim. Uma escola onde o pouco que chegasse fosse dividido para todos. No dia em que quiseram ocupar a sala que eu ocupava, em outras palavras, pedindo que eu desocupasse a sala, aí eu chorei. Eu chorei e jurei que um dia eu teria uma escola.

Não uma escola como a que eu estudei, mas uma escola onde fosse a extensão de nossa casa, onde todos fossem acolhidos com carinho, amor, compreensão. Onde todos fossem tratados iguais e onde principalmente, ninguém mais pudesse dizer “saia, pois eu preciso deste espaço”. Lutamos e enfim conquistamos.

# EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CAPITÃO FRANCISCO RODELAS

ANTÔNIA FLECHIÁ TUXÁ

O princípio da educação escolar indígena é construído através de um processo longo e contínuo, alicerçado aos saberes e fazeres tradicionais da comunidade, tendo como função transmitir aos alunos valores e fortalecimento sobre os elementos indenitários existentes em cada Povo, relacionados às vivências da educação indígena.

Sou professora da educação escolar indígena na Escola Estadual Indígena Capitão Francisco Rodelas, venho contar uma experiência vivenciada na turma do 7º ano do ensino fundamental II. Essa experiência propõe facilitar o ensino das figuras geométricas, perímetro e área, tendo como base a interculturalidade, na tentativa de facilitar a aprendizagem do aluno, tendo o cuidado de priorizar conteúdos relacionados ao meio em que o aluno está inserido, de forma participativa e capaz de estabelecer relações significativas no cotidiano do aluno.

A sequência inicia-se convidando a turma para um passeio na praça da aldeia. Ao chegar à praça, os alunos observam a formação da praça e todo seu entorno; em seguida foi distribuído material e solicitado a eles que

fizessem desenhos da praça. Sentados no banco da praça, elaboraram lindos desenhos. Abriu-se discussão sobre os elementos existentes na praça e ao seu redor, como árvores, desenhos geométricos, casas, a oca, etc. O momento que se segue é reservado para explicar como representar o real desenho em uma folha de papel, ou seja, como usar a escala na construção de desenhos.

Em sala de aula foi reforçada as explicações sobre as divisões para que eles tivessem total domínio da construção de suas escalas.

Ao desenharem a praça, eles começaram a falar sobre os sólidos geométricos, isso porque a estrutura da praça contém diversos desenhos geométricos, e por essa razão abriu-se um debate nesta área. Entreguei uma fita métrica e pedi que eles me dissessem os lados e fossem anotando tudo. Os alunos adquiriam diferentes medidas dos desenhos, do formato do piso, dos bancos, das mesas da praça e da própria oca.

Com esta coleta de dados pude ter material suficiente para trabalhar vários conteúdos de matemática na sala de aula, e sempre que eu ia inserir um conteúdo, me deportava a praça, despertando nos alunos uma compreensão real e significativa.

Na sala de aula, pedi que eles, através dos desenhos, produzissem um texto sobre a importância da praça, ressaltando a importância daquele ambiente para eles e para toda comunidade, com um olhar observador sobre todos os aspectos significativos da sua comunidade.

Os alunos conseguiram enxergar diversos detalhes, falaram sobre a importância das plantas para a produção do ar puro, as sobras para o bate-papo, os passeios de bicicletas, as diferentes árvores que lá se encontram e possuem diferentes funções, além de fornecer sombra e despoluir o ar,

também servem de remédio, produzem sementes que servem de matéria prima para o artesanato, outras para a pintura, outras servem de alimento. Todos lembraram o Toré que é realizado naquele espaço e do lazer de crianças e adultos que acontece na praça.

A primeira pergunta feita pelos alunos foi sobre quantas pessoas cabem dentro da oca e isso me deu abertura para inserir o conteúdo sobre cálculos de área e perímetro das figuras desenhadas na praça. Organizei meu trabalho em sala de aula, fazendo uso de sequências didáticas. Essas aulas foram muito gratificantes e se tornaram mais prazerosas. Os alunos não estavam apenas realizando cálculo, mas fortalecendo sua identidade e seu conhecimento cultural, desenvolvendo estratégias para o cálculo do espaço necessário para suas necessidades.

Desta forma, ensinar conteúdo matemático de forma prazerosa, é vivenciar a etnicidade do aluno, valorizando o meio social, cultural e ambiental. Ao falar das árvores que embelezam a praça estamos incentivando a preservação do ambiente. Estar naquela praça propiciou melhor qualidade na produção textual dos meus alunos, despertando o senso crítico, no ato do reconhecimento dos conteúdos significativos para sua vida individual e coletiva.

Esta experiência foi significativa para minha prática pedagógica, pois pude perceber grandes avanços na aprendizagem da turma, e esse resultado fortalece a minha prática em sala de aula, transmite-me a certeza de que ser professor é gratificante quando ensino e eles aprendem, e estes sabem quando e como usar esse conhecimento, adquirido no seu dia a dia.



# A BRINCADEIRA COMO ATIVIDADE DIDÁTICA NA COMUNIDADE TUMBALALÁ

SÔNIA GOMES DE SANTANA TUMBALALÁ

Nestes novos tempos com constantes transformações, ser professor é uma tarefa bastante complexa e requer muito da pessoa, tanto do lado emocional quanto profissional. É por isso que no dia a dia nos desdobramos para que obtenhamos no final um resultado bastante proveitoso.

Uma das experiências vivenciadas em sala por mim, numa turma do 7º ano, e que podem ser trabalhadas em todas as turmas desde o primário até o ensino médio, são as dinâmicas. Compreender que, aprender, não é apenas permanecer em uma sala de aula de quatro paredes com conteúdos muitas das vezes incompreensíveis fora da nossa realidade vivida, e sim em quatro paredes e fora dela também com nossos parentes, lideranças, caciques, pajé e com a própria comunidade e nossos recursos que nos rodeiam e que a natureza nos oferece a cada dia. Percebi que trabalhar com dinâmicas, proporciona uma interação com o grupo de alunos, interação esta que de certa forma até mesmo nós professores.

Envolvemos-nos tanto e terminamos competindo também com a turma, são muito legais, os resultados melhora, o aluno fica feliz. Não quer perder aulas e reclama quando não é realizada por todos os professores. Os exemplos realizaram a brincadeira da Torta na Cara. Neste dia conto com toda empolgação para participarem. Anteriormente, organizei quatro temas para serem estudados, os temas foram:

As regiões brasileiras, conhecimentos do Povo Tumbalalá, e sobre o Rio São Francisco, as perguntas foram feitas por ordem de sorteio, o aluno mais ágil que tocasse o sino, primeiro teria a chance de responder, e se não respondesse correto ganharia ponto e daria torta no adversário, a dinâmica foi maravilhosa e os resultados na aprendizagem foram surpreendentes, eles não esqueceram mais e sabem até hoje o que trabalhamos na dinâmica. Outras turmas que não foram trabalhadas essa dinâmica pediam até pelo amor de Deus que fosse feita em sua turma também.

Com tudo, é de suma importância que trabalhos que as turmas prestigiem possam ser trabalhados em todas as escolas, com todas as turmas e a depender da turma, seja menor ou maiores possam ser feito adaptações, porque o que realmente importa é o aprendizado e quer ele venha de uma forma feliz que não deixe traumas e graves consequências para nossos pequenos, que será o futuro do amanhã.

# DIFICULDADES NA EDUCAÇÃO INDÍGENA

EDSON MANOEL PANKARARÉ

Eu me chamo Edson Manoel, sou da etnia Pankararé e professor no Raso da Catarina Baixa do Chico. Trabalho com educação infantil, ensino Fundamental e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

A Educação Escolar Indígena ainda passa por diversas dificuldades, temos que enfrentar vários e vários obstáculos para podermos ter uma educação de qualidade, que não só vai ajudar nossos alunos, mas os nossos professores também. Porém, para que todas essas dificuldades sejam superadas, as lideranças, a comunidade e as DIRECS precisam vê-las, para que nós possamos conseguir de forma significativa passar um pouco de conhecimento aos nossos alunos.

São poucos os professores que têm alguma outra formação além do ensino médio. Não é fácil entrar em uma sala de aula só com esse conhecimento. O estado e a DIREC devem, de imediato, buscar formações para os professores indígenas. Já existem algumas formações, porém ainda não suprem as necessidades que as comunidades indígenas têm.

Outra grande dificuldade que temos, é a questão do transporte para nós professores do anexo Raso da Catarina Baixa do Chico. Todo ano começamos as aulas sempre atrasadas por falta de condução, principalmente atraso no recurso do transporte.

A falta de materiais didáticos para dar suporte nas atividades da escola é outro obstáculo que enfrentamos, e a produção desses materiais seria de fundamental importância para as escolas indígenas, pois assim poderíamos pensar realmente em uma educação diferenciada e de qualidade. Temos que quebrar alguns paradigmas referentes à educação escolar indígena, chega de ficarmos ouvindo que a educação é igual para todos, onde sabemos, nós indígenas, que a nossa educação é totalmente diferente das formas de educar dos não índios.

A nossa educação e do nosso povo tem que ser diferenciada, voltada especificamente para os povos indígenas, porque não iria adiantar termos uma educação que não fosse do nosso jeito, com uma grade curricular de matérias voltadas exclusivamente para nós. Além desses problemas citados anteriormente, a maioria das comunidades indígenas vêm enfrentando a falta de estrutura nas escolas, e para que possa existir uma educação ser de qualidade, temos que ter um bom ambiente escolar, onde nossos alunos não tenham medo de frequentar a escola, elas devem se sentir muito bem naquele espaço.

A educação indígena ainda anda em passos lentos, mas com as parcerias que temos vamos à luta, buscar melhorar nossa educação, de forma que nos dê suporte suficiente para entrarmos em sala de aula sabendo que alguns daqueles problemas estão sendo solucionados. Não importa se esteja caminhando devagar, apesar de não ser fácil, estamos trabalhando e vamos conseguir.

# RELATO DE EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO INDÍGENA

ELAINE BATISTA ALMEIDA KIRIRI

Falar em educação diferenciada antes era algo estranho para mim, pois só conhecia o modelo do ensino tradicional do não índio que só impôs sua realidade e conhecimento. Com o tempo e muita luta, conquistamos o direito de ter uma escola com alguns professores não índios, mas era uma conquista no momento, com persistências conseguimos nossa escola com todos os professores da comunidade e que também se preocuparam em correr atrás de uma formação específica que lhes proporcionasse ajudar e preparar melhor nossos jovens e as futuras gerações para a realidade que preservasse a cultura e os conhecimentos tradicionais.

É necessário o diálogo entre comunidade e escola. Um exemplo dessa parceria são as comemorações na comunidade, em que nós como educadores temos nosso momento: O dia onze de novembro é comemorado a reconquista do território Kiriri e nas vésperas, os professores no AC planejam um miniprojeto que possa ser trabalhado em sala e atividades para apresentar nesse dia.

Os estudantes, muitas vezes, reclamam que devia ter algo diferente, no dia 11 de novembro de 2010 foi surpreendente, pois a maioria dos trabalhos teve resultado, na hora da apresentação todos estavam

articulados, nos trajés adequados a ocasião apresentando as comidas tradicionais, os artesanatos, as ervas medicinais, falaram seus nomes no idioma Kiriri e ainda muitos se arriscaram a falar os das ervas também na língua materna. São momentos como esse que percebo que nosso trabalho vale a pena.

Após a apresentação, colocamos todo o material utilizado a disposição das pessoas presentes. Depois de tudo isso, tanto as lideranças como os pais falaram que nessas horas é que se sabe o compromisso e a relação da comunidade com a educação.

Atualmente, apesar de algumas questões internas, a educação é única. Todos lutam e buscam um só objetivo: preparar as futuras gerações para lidar com as duas realidades, a da comunidade que é sua casa e a da sociedade envolvente que é um espaço/meio.


Como professora, hoje em dia, poderei dizer que educação específica diferenciada é aquela que valoriza o conhecimento tradicional do povo, nos dando a oportunidade de conhecer o desconhecido.

# O ENSINO DA LÍNGUA INDÍGENA NA ESCOLA

BRAZILICE FERREIRA KAIMBÉ

É papel da escola indígena ofertar uma ou mais de uma língua indígenas. Considerando, que os alunos indígenas, quando começa a frequentar a escola, já têm muito conhecimento sobre o uso oral de sua primeira língua, seja ela qual for não vejo outro modo de se trabalhar a língua indígena, se não por meio da oralidade e consequentemente sua escrita. A experiência oral que a criança traz para a escola é a da conversação do dia a dia com as pessoas com as quais convive e compartilham experiências culturais.

Como forma de alternativas para o ensino da língua indígena e prática da oralidade, o professor deve reservar um tempo, em sua sala de aula, para que os alunos contem e comentem fatos que aconteceram com eles; para conversar, trocar ideias e opiniões com os alunos sobre assuntos variados; para conversar sobre ideias polêmicas; para que os alunos descrevam, por exemplo, o processo de construção de uma casa, as partes de uma planta, uma brincadeira infantil; para pedir que os alunos façam dramatizações sobre histórias conhecidas, sobre situações do cotidiano (caçadas, festas tradicionais e etc.) ou sobre situações imaginárias (um problema de saúde, uma situação de compra e venda



uma conversa ao telefone ou pelo rádio). Coletar pequenas canções tradicionais, junto aos mais velhos, para ensiná-las aos alunos. Pois, a músicas, assim como jogos, brincadeiras, encenações e atividades envolvendo desenhos, entusiasma muito, despertam a curiosidade e facilitam a aprendizagem, não só do vocabulário da segunda língua, mas também de sua gramática.

Conseqüentemente, construir um vocabulário com as palavras isoladas, ou seja, uma lista das palavras que estão fora de um contexto real de uso.